
TRADUÇÃO DE CONTOS RUSSOS¹

Maria Helena Guimarães
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Portugal
hcosta@iscap.ipp.pt

Nota Introdutória

É inegável que se continua a traduzir muito pouco do russo, não obstante o grande número de obras literárias produzidas ao longo dos séculos. Grande parte da literatura do séc. XX e XXI – poesia, romance ou obras de diferentes áreas das ciências humanas – continua a ser sistematicamente ignorada. Na maioria dos casos, continuamos a assistir à mera edição / reedição de traduções, novas ou já existentes, de obras de autores como Dostoievskiy, Tolstoi, Tchekhov. Essas obras representam, contudo, apenas uma parte de toda a produção literária em Língua Russa. De facto, outros autores, como Maiakovskiy, Sergey Yesenin, Soljenitsine, Marina Tzvetava, Borodin, raramente são revisitados/reeditados ou, sequer, traduzidos, para já não falar do ostracismo a que foi votada, praticamente, toda a produção literária do período soviético, a pretexto de se tratar de obras escritas à luz de um “ideal soviético”, censuradas, sem cor, paladar ou cheiro.

Todavia, ao optarmos pelo silêncio, pela não tradução e divulgação do quanto se produz em Língua Russa, estamos a recriar um muro, a nível mental, bem mais intransponível, cremos, do que, outrora, o foi o Muro de Berlim, fechando-nos ao conhecimento do *Outro*.

Com esta pequena colectânea de contos infanto-juvenis pretende-se dar um pequeno passo no sentido de criar no receptor / leitor uma maior curiosidade, livre

¹ Os textos aqui traduzidos foram retirados do livro *Читаем по-русски* de Natália Vladimirovna Kulibina, Riga, Retorika A, 2008.

de preconceitos ou ideias feitas, do muito que a Rússia tem para oferecer em termos literários.

Todas as traduções aqui apresentadas foram realizadas, sob a minha orientação, pela estudante Joana Neves, do 1º ano do Curso de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, a quem se devem, também, as pequenas biografias que nos apresentam cada um dos autores.

Alexander Borisovich Raskin (1914-1971)

Alexander Raskin nasceu em Vitebsk, na Bielorrússia. Estudou no Instituto de Literatura Máximo Gorki. Escreveu poesia, prosa e guiões para filmes. Os seus livros para crianças “Quando o pai era pequenino” (1961) e “Quando o pai andava na escola ” (1963) são, até hoje, muito populares. No prefácio ao seu livro “Quando o pai era pequenino”, Raskin escreve: «Quero contar-vos como nasceu este livrinho. Eu tenho uma filha, Sasha (...). Quando a Sasha era pequena, esteve muito doente. Eu sentia grande pena dela e lia-lhe muitos livros ou contava-lhe histórias engraçadas. (...) Conte-lhe, então, tudo quanto vocês aqui vão ler. Escolhi as histórias mais engraçadas, já que era preciso dar alguma alegria a uma criança doente. Tentei, além disso, que a minha filha percebesse como não era bom ser-se avarento, gabarola e presunçoso. Mas isto não quer dizer, de modo algum, que eu tivesse sido assim a vida toda.»

COMO O PAI SE VINGOU DA LÍNGUA ALEMÃ

Quando o pai era pequenino e andava na escola, as suas notas variavam muito: a Língua Russa – bom; a aritmética – satisfaz; a caligrafia – não satisfaz; a desenho – mau com dois menos. E o professor de desenho prometera ao pai um terceiro menos.

Mas eis que uma vez chegou à turma uma nova professora. Ela era muito simpática, jovem, bonita, alegre e trajava um vestido muito elegante.

“Chamo-me Elena Sergejevna. E vocês?”, disse ela sorrindo. E todos gritaram:

“Zhenya!”

“Zina!”

“Lisa!”

“Misha!”

Elena Sergejevna tapou os ouvidos e todos se acalmaram.

Então ela disse:

“Eu vou ensinar-vos alemão. Estão de acordo?”

“Sim! Sim!”, gritou a turma toda.

E o pequeno papá começou a estudar alemão. No início, ele gostou muito de saber que “cadeira” em alemão é – *der Stuhl*, “mesa” – *der Tisch*, “livro” – *das Buch*, “menino” – *der Knabe* e “menina” – *das Mädchen*.

Parecia um jogo que toda a turma estava interessada em conhecer. Mas quando começaram as declinações e as conjugações, alguns *Knabe* e algumas *Mädchen* ficaram tristes. Ao que parecia, era preciso levar a sério a Língua Alemã. Ao que parecia, não se tratava de nenhum jogo, mas sim de uma disciplina tal como a aritmética ou a Língua Russa. Era preciso aprender logo três coisas ao mesmo tempo: escrever em alemão, ler em alemão e falar em alemão.

Elena Sergejevna esforçava-se muito para que as suas aulas fossem interessantes. Ela trazia para as aulas livrinhos com histórias divertidas, ensinava os miúdos a cantar pequenas canções alemãs e também brincava, na aula, em alemão. E para aqueles que trabalhavam como devia ser, até era interessante.

E aqueles alunos que não estudavam nem preparavam as aulas não percebiam nada. E, claro, para estes não era nada interessante. Cada vez menos olhavam para *das Buch* e cada vez mais ficavam calados como se fossem *der Tisch*, quando Elena Sergejevna lhes fazia perguntas.

E, às vezes, mesmo antes da aula de alemão, ouvia-se um grito selvagem: «*Ich habe spazieren!*», que em russo quer dizer: «Eu tenho passear!» e que, traduzindo em linguagem escolar, queria dizer: «Eu quero fazer gazeta!» Ao ouvir este grito, muitos eram os alunos que repetiam: «*Spazieren! Spazieren!*»

E a pobre Elena Sergejevna, ao chegar à aula, reparava que todos os rapazes aprendiam o verbo «*spazieren*» e que, nas carteiras, só estavam sentadas meninas. E está claro que isso a aborrecia muito. Também o pequeno papá estudava principalmente o verbo *spazieren*. Mas ele não queria com isso magoar Elena Sergejevna.

Só que era muito divertido fugir da aula, evitar o director e os professores e esconder-se de Elena Sergejevna nas águas-furtadas da escola. Era muito mais interessante do que estar sentado na aula, sem ter estudado a lição, e à questão de Elena Sergejevna «*Haben Sie der Federmesser?* (tem um canivete?)», responder, depois de muito pensar: «*Ich nicht...*» (o que, traduzido em russo, tinha um significado muito tolo: «Eu sou um não...»).

Quando o pequeno papá respondeu desta maneira, toda a turma se riu. E mais tarde, riu-se a escola toda. E o pequeno papá não gostava nada, quando se riam dele. Ele preferia muito mais rir-se dos outros. Se ele fosse mais inteligente, teria começado a estudar alemão e teriam deixado de se rir dele. Mas o pequeno papá ficou muito ofendido. Ficou ofendido com a professora. Ficou ofendido com a Língua Alemã. E aí ele vingou-se do alemão.

O pequeno papá nunca estudou alemão como deve ser. Depois ele não estudou francês como deve ser na outra escola. E, mais tarde, quase não estudou inglês como deve ser no instituto superior. E agora o papá não sabe nenhuma língua estrangeira. Afinal de quem se vingou ele?

Agora o papá compreende que foi a si próprio que ele fez mal. Ele não pode ler muitos dos seus livros preferidos na língua em que foram escritos. Ele quer muito fazer uma viagem turística ao estrangeiro, mas ele tem vergonha de ir, não sendo capaz de falar em nenhuma outra língua. Às vezes o pai é apresentado a

pessoas de outros países. Eles falam mal russo. Mas todos eles aprendem russo e perguntam ao pai: «*Sprechen Sie Deutsch?*», «*Parlez-vous français?*», «*Do you speak English?*». E o pai só abana com a cabeça sem saber o que dizer. O que pode ele responder-lhes? Apenas: «*Ich nicht...*» E ele sente muita vergonha disso.

Viktor Vladimirovich Goliavkin (1929-2001)

V. Goliavkin nasceu em Baku, capital do Azerbaijão e uma das Repúblicas da URSS, naquela época. Estudou em Leninegrado (nome por que era designada, então, a cidade de S. Petersburgo), na Academia de Artes Ilya Yefimovich Repin. Em 1960, recebeu o seu diploma, começando a trabalhar como pintor e a escrever – primeiro para adultos e depois para crianças – publicando alguns livros de prosa, ilustrados por ele próprio. Mais de uma geração de crianças cresceu com os seus livros.

DÃO-ME LICENÇA QUE PASSE?

Um aluno da segunda classe estava à entrada da porta de casa à espera de um amigo. Um aluno do quinto ano, que regressava a casa, agarrou o aluno da segunda classe pelos colarinhos e gritou:

“Por que andas tu aqui no meio das nossas pernas?”

Um aluno do sétimo ano, que ia para casa, agarrou pelos colarinhos o aluno da segunda classe e o aluno da quinta classe, para que estes deixassem de incomodar quem queria passar.

Um aluno do nono ano, que voltava para casa, agarrou pelos colarinhos o aluno da segunda classe, o aluno da quinta classe e o do sétimo ano, pois estavam a impedir o caminho. Logo a seguir, bem entendido, o aluno do sétimo ano começou à bulha com o do nono ano, o aluno da quinta classe com o aluno do sétimo ano e o aluno da segunda classe com o aluno da quinta classe.

Nenhum deles pensou que podia estar a incomodar alguém. Sim, porque é impensável que as pessoas se estorvem umas às outras!

Um idoso voltava para casa.

Mas será que ele poderia passar?

Ele disse, então:

“Dão-me licença que passe?”

E todos pararam de andar à bulha e foram embora, menos o aluno da segunda classe. Esse pôs-se, de novo, à entrada da porta.

É que é preciso compreender que ele estava à espera do seu amigo. Que motivo havia, pois, para o agarrar pelos colarinhos?

Se bem que...

É possível ficar de pé AO LADO da porta!

Sergey Grigorievich Kozlov (1939-)

Ao longo da sua juventude trocou várias vezes de profissão: foi operário numa tipografia, professor de canto, fez expedições geológicas e foi guia turístico na casa-museu Mikhailovskoe². Mais tarde, quando terminou o curso no Instituto de Literatura, o seu trabalho de fim de curso foi um livro de poemas. Nos anos 60, começou a escrever contos para crianças. Foi então que inventou o Ouriço, a Lebre e o Ursinho, tão do agrado de crianças e de adultos. «O Ouriço no Nevoeiro», «Na Floresta das Cenouras Doces», «Como o Ouriço e o Ursinho Deram Lustro às Estrelas» são alguns dos seus livros mais conhecidos.

DEIXEM-ME ESPERAR O CREPÚSCULO CONVOSCO

² A casa-museu Mikhailovskoe era propriedade dos pais do famoso poeta russo Alexandre Pushkin, para onde este foi desterrado pelo czar Alexandre I, devido às suas ideias progressistas e à sua amizade com alguns “dezembristas”.

A Lebre pede que a deixem esperar o crepúsculo.”

“Que espere”, disse o Ouriço e trouxe para o alpendre mais uma cadeira de verga.

“Posso entrar?”, perguntou a Lebre. Ela mantivera-se debaixo do alpendre, enquanto o Ursinho conversava com o Ouriço.

“Entra”, disse o Ouriço.

A Lebre subiu as escadas e, com cuidado, limpou as patas no tapetinho.

“Limpa, limpa!”, disse o Ursinho. O Ouriço gosta de tudo muito limpo.

“Posso sentar-me?”, perguntou a Lebre.

“Senta-te”, disse o Ursinho. E o Ouriço e o Ursinho também se sentaram.

“E como é que nós vamos esperar o crepúsculo?”, perguntou a Lebre. O Ouriço manteve-se calado.

Senta-te ao lusco-fusco e fica calado”, disse o Ursinho.

“E pode-se conversar?”, perguntou a Lebre. O Ouriço continuou sem nada dizer.

“Fala”, disse o Ursinho.

“É a primeira vez que espero pelo crepúsculo”, disse a Lebre, “Por isso, não conheço as regras. Não se zanguem comigo, está bem?”

“Nós não nos zangamos”, disse o Ursinho.

“Logo que soube que vocês esperavam o crepúsculo, corri para tua casa... Estás a ouvir, ó Ouriço? E pus-me a olhar dali, oh, dali daquele arbusto. E pensei, mas que bem que eles esperam o crepúsculo! Quem me dera a mim fazer o mesmo! E corri para casa, tirei para fora do sótão uma velha poltrona e sentei-me e sentada fiquei...”

“E depois?”, perguntou o Ursinho.

“Nada. Ficou escuro”, disse a Lebre. “Não, pensei eu, isto não é só assim. Não é só sentar e esperar. Deve haver aqui mais qualquer coisa. Vou pedir ao

Ouriço e ao Ursinho para esperar com eles o crepúsculo. Sabe-se lá se não me deixam?”

“Sim, sim”, disse o Ursinho.

“E nós já estamos à espera do crepúsculo?”, perguntou a Lebre.

O Ouriço observava como o crepúsculo ia caindo. Como a névoa cobria os vales. E mal ouvia o que a Lebre dizia.

“E pode-se cantar, enquanto se espera o crepúsculo?”, perguntou a Lebre. O Ouriço manteve-se calado.

“Canta”, disse o Ursinho.

“E o quê?”

Ninguém lhe respondeu.

“E pode ser, assim, algo de divertido? É que está a ficar frio, não?”

“Canta”, disse o Ursinho.

“Tró-lo-ró-lo-ló!”, berrou a Lebre.

E o Ouriço ficou muito triste.

O Ursinho sentia-se embaraçado perante o Ouriço, pois tinha sido ele quem arrastara consigo a Lebre e esta estava a estragar tudo, já que não entendia nada do assunto, e ainda por cima tinha-se posto para ali a uivar uma canção. O Ursinho, não sabendo que fazer, também se pôs a berrar com a Lebre.

“Trá-la-rá-la-lá!”, pôs-se o Ursinho a berrar.

“Lá-ra-la-lá”, cantou a Lebre. E o crepúsculo adensava-se e tornava-se penoso para o Ouriço ouvir tudo aquilo.

“Seria melhor calarmo-nos”, disse o Ouriço. “Ouçam como tudo está tranquilo!”

A Lebre e o Ouriço calaram-se, obedientes. Sobre a clareira, sobre a floresta, pairava o silêncio do Outono.

“E então que fazemos agora?”, perguntou baixinho a Lebre.

“Shiu!”, disse o Ursinho.

“Estamos à espera do crepúsculo?”, sussurrou a Lebre. O Ursinho anuiu com a cabeça.

“E ficamos calados até ficar escuro?...”

Ficou completamente escuro e, sobre o cume dos pinheiros, a Lua apareceu como um gomo dourado.

Isso fez com que, de repente e por um instante, o Ouriço e o Ursinho se sentissem mais quentes. Olharam um para o outro e cada um deles sentiu, no escuro, como sorriam um para o outro.

Marina Lvovna Moskvina (1954-)

Marina Moskvina nasceu em Moscovo. Depois de terminar o seu curso na Faculdade de Jornalismo da Universidade Estatal de Moscovo (Lomonossov), trabalhou na rádio e na televisão. É autora de livros para crianças como “O Meu Cão Gosta de Jazz”, “O Monstro de Bloch Ness ou a Vida e as Aventuras do Polícia Karavaev”, “Não Pisem o Escaravelho”, “Aprender a Ver”, etc. É, ainda, autora de livros para adultos como “O Génio do Amor Não Correspondido”, “Um caixote do lixo para o Sutra do Diamante“, “Almofada de Relva”, entre outros. Em 1998, Marina Moskvina recebeu o Prémio Internacional Hans Christian Anderson³ pelo seu livro de contos “O Meu Cão Gosta de Jazz”. O seu nome consta da enciclopédia “Literatura Infantil do Século XX”.

³ Trata-se do prémio mais importante, a nível internacional, concedido a autores de literatura infanto-juvenil.

O MEU CÃO GOSTA DE JAZZ

A música é tudo para mim. Só não gosto de música sinfônica. Nada de coisas como “Pedro e o Lobo”⁴. Dessa não gosto lá muito. Eu gosto daquela música, como a que, um dia, tocou um músico num saxofone dourado. Eu e o meu tio Evgeniy fomos à Casa da Cultura. Ele é médico otorrinolaringologista. Mas para ele, a música é tudo.

Quando um negro, rei do jazz, chegou a Moscovo, todos começaram a pedir que autografasse discos. Mas o tio Evgeniy não tinha discos. Então, levantou o pulôver e o rei do jazz autografou-lhe a camisa com um marcador.

E que dizer de tudo o que o tio Evgeniy fez no concerto na Casa da Cultura! Assobiou, gritou, aplaudiu! E quando o músico apareceu em cena, com um chapéu de palha, meias verdes e camisa vermelha, o tio Evgeniy disse:

“Ei, Andryukha! Acabou de começar um grande momento.”

No início, não percebi. Mas a forma como o músico se reflectia, em tons vermelhos e dourados, na cauda preta do piano, a forma como se movia pela sala, soprando, soprando, com toda a força, no seu saxofone, fez com que eu entendesse, de imediato, o que significava aquele “grande” momento.

O público, levado pelo furor, esqueceu-se das suas boas maneiras. Pegaram em assobios e toca de assobiar, de tilintar com chaves, de bater com os pés e até havia quem tivesse trazido maracas! O músico tocava como se estivesse fora de si. E eu tudo fazia para não tirar os olhos dele.

Naquela música, tudo era sobre mim. Quer dizer, sobre mim e sobre o meu cão. Eu tenho um teckel chamado Kit. Por este cão eu faria tudo. Um dia, ele desapareceu e eu quase enlouqueci à procura dele.

“Imaginas?”, disse o tio Evgeniy. “Ele compõe esta música, enquanto anda. Tudo num abrir e fechar de olhos. Qualquer mote lhe serve!”

⁴ Referência à obra de Sergey Prokofiev “Pedro e o Lobo”.

Isto tem tudo a ver comigo. Divertir-se à grande. O mais interessante é quando tocamos sem sabermos o que vem a seguir. É o que acontece comigo e com o meu cão. Eu dedilho a guitarra e canto, e ele ladra e uiva. Tudo sem palavras. Para que precisamos nós de palavras?

“Eu tinha algumas aptidões, só que não foram aproveitadas”, disse o tio Evgeniy. Ele estava de óculos, gravata e com uma pasta à James Bond.

“Na escola”, disse ele, “eu era considerado um bom clarim. Poderia ter entrado para o grupo dos dez melhores corneteiros da União Soviética.”

“Talvez mesmo para o grupo dos cinco primeiros”, disse eu.

“E para o dos trinta primeiros do mundo!”

“Ou mesmo para o dos vinte primeiros”, disse eu.

“E acabei por ser um simples otorrinolaringologista.”

“Não diga isso”, disse eu.

“Andryukha!”, gritou o tio Evgeniy, “Tu és jovem! Aprende jazz! Eu deixei passar a oportunidade. Um destino extraordinário aguarda-te. Há um estúdio, aqui, na Casa da Cultura.”

A opinião do meu tio coincidia com a minha: o jazz era a ocupação certa. Mas o buslís da questão residia no facto de eu não ser capaz de cantar sozinho. Não importa quem, até uma mosca com o seu zumbido, é capaz de atenuar a minha solidão. E o que dizer do Kit? Para o Kit, cantar era tudo. Por isso, eu levei-o à audição.

Ele tinha comido um chouriço inteiro do frigorífico e marchava com uma disposição extraordinária. Quantas canções não soavam bem alto em nós, quantas esperanças! Na Casa da Cultura, na nossa direcção, apareceu o músico da véspera, com uma chávena de água na mão. Inclinou-se e, amigavelmente, deu umas palmadinhas no dorso do Kit. Nessa altura, caiu-lhe do bolso um pacotinho de chá. O Kit não gostava nada que lhe dessem palmadinhas daquela maneira, mas, vindo do músico, ele até aguentou. É verdade, contudo, que, num instante, destruiu o

pacotinho de chá. Ele tinha por hábito comer tudo o que encontrava pela frente. Mas fazia-o, não por maldade, mas de alegria.

Eu perguntei:

“Onde se faz aqui a admissão para aulas de jazz?”

“A audição é na sala 3”, respondeu o músico.

Na placa, pendurada na porta, podia ler-se: Chefe do Departamento de Ensino – Naina Petrovna Shporina. Bati à porta. Só uma vez na minha vida tinha ficado ansioso daquela maneira. Foi quando o Kit destruiu e devorou um chinelo. Quase enlouqueci. Pensei em tudo. Será que ele o vai digerir, ou não?

Uma mulher bonita e elegante, com um nariz comprido, estava sentada ao piano e olhava, com expectativa, para mim e para o Kit.

“Eu quero aprender jazz!”

Eu disse isto alto e em bom som para que não pensassem que era um molengão. Mas Naina Petrovna apontou para um cartaz, onde estava escrito: “Fale a meia voz”. E eu não consigo falar a meia voz. E eu não gosto de não tilintar com a colher na chávena de chá quando misturo o açúcar. Há que conter-me e isso é coisa que eu não consigo.

“O cão não pode ficar”, disse Naina Petrovna.

“O Kit gosta de jazz”, disse eu. “Nós cantamos juntos.”

“O cão não pode ficar”, disse Naina Petrovna.

Toda a alegria se esvaiu quando eu fechei a porta no nariz do Kit. Mas o extraordinário destino que o tio Evgeniy tinha visto passar ao lado esperava agora por mim.

Sentei-me na cadeira e peguei na guitarra. Eu gosto de cantar. E eu quero cantar. Eu vou cantar e quero cantar e quero querer cantar! Segure-se bem, Naina Petrovna – “fale a meia voz, desloque-se a meia velocidade”! Agora vai experimentar um choque sem precedentes...

Naina estava de pé, como a estátua do comendador, e eu não conseguia começar por mais que tentasse! Para não ficar calado, comecei a produzir o barulho de pratos a partirem-se, de água a derramar-se, de um jornal a amarrotar-se...

“Páre!”, disse Naina Petrovna. As mãos dela estavam frias como as de uma vendedora de gelados.

“No cam-po es-ta-va a bé-tu-la...” – cantou ela, tocando com um só dedo. Repita.

“No cam-po es-ta-va a bé-tu-...”

“Páre”, disse Naina Petrovna. “Você não tem ouvido. Não pode ser aceite.”

O Kit quase morreu de alegria por me ver. “Então?! Andryukha? Jazz? Não é?!”), disse ele pelo seu ar e abanou a cauda. Quando cheguei a casa telefonei ao tio Evgeniy.

“Não tenho ouvido”, disse eu. “Não sirvo.”

“Ouvido!”, disse o tio Evgeniy com desdém. “Ouvido, coisa nenhuma. Tu não podes repetir uma melodia que é de outro. Tu cantas como NINGUÉM NUNCA cantou até ti. A isso é que se chama um verdadeiro talento natural. Jazz!”, disse o tio Evgeniy com entusiasmo.

“O jazz não é música. O jazz é um estado de alma.”

“No cam-po es-ta-va a bé-tu-la...”, cantei, pousando o auscultador.

“No cam-po...”. Extraí da guitarra um som arranhado. O Kit uivou.

No meio desta atmosfera, imitei o tiquetaque do relógio, o apelo da truta macho, o grito das gaivotas. O Kit era ora a sirene da locomotiva, ora a sirene do navio. Ele sabia como animar o meu espírito abatido. E eu recordei o frio terrível que fazia no dia em que eu e o Kit nos escolhemos um ao outro, na feira dos pássaros. “NO CAM-PO!!!” A tal ponto elevámos a nossa pequena alegria que a avó veio a correr da cozinha.

“Calem-se, seus palermas!”, gritou ela.

Mas a CANÇÃO ESTAVA LANÇADA e nós não podíamos deixar de a cantar.

... O tio Evgeniy removía as amígdalas a um doente. E subitamente ouviu jazz.

“Estão a transmitir jazz!”, exclamou ele. “Enfermeira! Ponha mais alto!”

“Mas nós não temos rádio!”, respondeu a enfermeira.

... O músico de ontem preparou um novo pacotinho de chá, quando lhe veio à cabeça uma ideia arrojada: tocar um solo de saxofone “hot”, tendo por mote a sirene de uma locomotiva. Não, melhor dizendo, a sirene de um navio!!!

... E, em Nova Orleães, o rei do jazz – um negro – de uma forma simplesmente inesperada começou a cantar em voz rouca:

“No cam-po estava a bétula! No campo, estava a bétula frondosa!..”

E toda a Nova Orleães explodiu de forma destemida:

“Liu-lí, liu-lí, es-ta-va!!! Liu-lí, Liu-lí, estava!!!”